

## QUESTÕES SOBRE LINGUAGEM E COGNIÇÃO: ALGUMAS PERGUNTAS PARA DAN SPERBER

Dan Sperber<sup>1</sup>  
Elena Godoy<sup>2</sup>

O IV Workshop Internacional de Pragmática teve a honra de entrevistar o grande linguista e antropólogo francês Dan Sperber, diretor de pesquisa emérito no *Centre national de la recherche scientifique* e diretor do *International Cognition and Culture Institute*. A entrevista foi elaborada pelo Grupo de Pesquisa *Linguagem, Comunicação e Cognição* do CNPq, em parceria com professores e pesquisadores de outras Universidades. Por uma questão de escopo do dossiê, selecionamos apenas algumas das perguntas realizadas durante o evento<sup>3</sup>.

*Chomsky afirma que a ação intencional humana é um mistério em vez de um problema cientificamente tratável, porém, muitos pesquisadores da Teoria da Relevância o refutaram. Você poderia falar sobre isso?*

A princípio eu não acho que a pesquisa apenas da Teoria da Relevância o refutou, certo? Eu acho que são duas questões diferentes. Basicamente, o que Chomsky está fazendo, e o que o motiva, é a ideia de que o livre arbítrio humano, ou liberdade humana, é uma realidade importante e que não sabemos por onde começar a entendê-la. É um mistério nesse sentido. Portanto, a ideia não nega que podemos estudar a ação intencional, afinal, Chomsky faz isso o tempo todo em suas discussões políticas. O que Chomsky está dizendo é que, mesmo se fizermos isso, podemos identificar vários fatores que levam as pessoas a agir de uma maneira ou outra, mas isso ainda não determina exatamente o que elas devem fazer.

---

<sup>1</sup> Central European University, Budapest and Emeritus Researcher, Institut Nicod (ENS, EHESS, CNRS, Paris). E-mail: [dan@sperber.fr](mailto:dan@sperber.fr)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná. E-mail: [elena.godoi@gmail.com](mailto:elena.godoi@gmail.com)

<sup>3</sup> As perguntas aqui publicadas são de autoria de Stéphane Dias, Angélica Andersen, Sebastião Lourenço dos Santos e Crisbelli Domingos, supervisionadas e coordenadas por Elena Godoy.

Em sua obra “*Managua Lecture*”, ele dá o seguinte exemplo: se eu tivesse uma arma, eu poderia colocá-la na sua cabeça e dizer “agora, por favor, grite 'Heil Hitler', senão eu vou te matar”. E ele diz: se tiver intenção real de matar, você provavelmente dirá “Heil Hittler” para salvar sua vida, mas não é uma necessidade causal, você ainda tem a liberdade de recusar e, de fato, na história, em circunstâncias semelhantes, muitas pessoas optaram por se recusar a fazer o que parece muito racional para a autopreservação. Então, eu tenho nada a dizer sobre se a liberdade, nesse sentido, é real ou se é um erro, é um erro, ou uma ilusão. Eu entendo liberdade no sentido de liberdade política, liberdade pessoal, o fato de que eu escolho o que fazer e não o que outras pessoas me forçam a fazer. Esse é um sentido de liberdade, e compreendo o que significa lutar por liberdade nesse sentido. Mas liberdade no sentido de livre arbítrio...

O que Chomsky toma como dado, como sendo algo real, eu não tenho opiniões sobre e sou cético quanto tal. Então, o que é verdade, chegando ao nível em que pesquisamos, é que, de fato, quando se estuda comunicação, quando se estuda pragmática, não se estudam apenas propriedades formais da linguagem; estuda-se um certo tipo de ação. O que quero dizer é que a fala não é apenas uma ação intencional, mas provavelmente o tipo mais rico de ação intencional que realizamos. Ao falar, dizemos coisas muito detalhadas, com uma estrutura complexa, através de inferência, nunca obtendo uma história completa. Então, por exemplo, se você trabalha com ecologia, o que acontece no ambiente natural é tão complexo que nosso entendimento nunca é completo, não porque esse ambiente tem uma liberdade por si só, mas porque nós não dominamos todos os parâmetros, todas as forças em jogo. Mas somos capazes de obter uma compreensão parcial das forças em jogo com o grau de nossa interação.

Isso é o que fazemos quando estudamos comunicação. A comunicação é um fenômeno muito complexo por várias razões, incluindo o fato de que há uma decisão por parte que um falante ao dizer uma coisa, em vez de outra. Mas podemos percorrer um longo caminho para entender o mecanismo, os fatores, e, assim por diante, que atravessam a conversa. Para responder a esta pergunta, Chomsky discute uma questão filosófica clássica e importante, novamente, sobre a qual tenho nada a dizer, mas não

devemos ver isso nem mesmo como um impedimento ao tipo de pesquisa que fazemos, nem como algo de que somos bem-sucedidos em investigar na comunicação verbal aquilo que demonstra que ele está errado.

*Alguns linguistas sugerem que a comunicação intencional é complexa demais para o estudo sistemático. Você poderia discutir os desenvolvimentos nessa área, assim como o papel da e comunicação implícita e explícita, tanto pessoal como em mídias sociais, o que parece ser a escolha de muitas pessoas?*

Bem, vou ser breve, não porque não seja uma boa pergunta, mas porque poderíamos falar por duas horas sobre isso. Sim, novamente, quando estudamos a comunicação realizando pragmática real, isto é, a pragmática sensível ao contexto da comunicação, implícita e explicitamente, aos interlocutores imediatos, o contexto social e cultural, e tudo o que pode afetar a maneira como a comunicação prossegue, estamos lidando com coisas que têm um grau de complexidade que eu não acho que seja razoável resumi-lo em uma imagem completa. A questão é: podemos entendê-la melhor? Acho que podemos, e conseguimos, e isso acontece o tempo todo.

O que acontece em parte da pragmática é, na verdade, um desenvolvimento interessante no século XXI, por ela ter atraído muitas pessoas que vêm da semântica formal. Essas pessoas tendem a ser muito inteligentes, trabalham com questões formais difíceis e trazem sua competência ao estudo da pragmática. Agora, ao trazer suas competências ao estudo da pragmática, eles tentam definir problemas pragmáticos em termos nos quais a competência se aplica. Desta maneira, há muitas publicações recentes na pragmática de pessoas que são muito inteligentes, mas em que a pragmática está sem contexto. Grande parte do estudo sobre a chamada “implicatura escalar” assume que esta não é essencialmente modificada, é inferida, independentemente de um contexto específico. A única coisa que o contexto real da conversa pode fazer é um meio que a inibe, sendo a influência normal de uma implicatura escalar vista como algo que prossegue de modo quase automático, sem envolvimento do contexto extra-

linguístico. Eu acho que isso está errado, escrevi contra, mas esse não é o ponto que quero destacar.

O ponto que quero destacar é uma maneira estranha de se ver como se faz a pragmática. Na pragmática, se você simplesmente tirar de cena o que a torna um campo empolgante, você tira de cena a riqueza de fatores contextuais, os fatores psicológicos, fatores de conhecimento prévio, fatores sociais, e assim por diante. Isto é, não acho que é possível ir muito longe fazendo isso. Então, voltando aos termos da pergunta, novamente, se você tem um palpite de que pode estudar algo mais restrito ou mais amplo, vá em frente, faça o que você é bom, e se você acha que é bom, então faça o seu melhor.

Conforme eu estava falando sobre as diferentes escalas que coexistem, você pode observar os mesmos fenômenos em ação na escala em que você pensa que pode ver as coisas melhor. Então, eu não tenho nenhum problema com isso. Mas, novamente, eu não quero pensar nisso como uma tensão, como ter uma escolha entre estudar comunicação ou estudar pragmática. Todos podem contribuir. Ainda assim, sou um pouco cético em tentar fazer pragmática com pouco ou nenhum contexto. É um pouco como nos tempos do behaviorismo na psicologia, em que muitas pessoas tentaram estudar psicologia sem mente. Isso não faz sentido. A mente, o que quer que ela seja, é o que se estuda na psicologia. Você também a contextualiza, mas a noção de que você pode fazer psicologia sem a mente é estranha. A noção de que você pode fazer pragmática sem o contexto é semelhante a isso. Mas, também, está tudo bem se você quiser fazer isso. Vamos ver o que eles inventam!

*Qual é o seu posicionamento sobre a participação de emoções na interpretação? Para você, há um efeito emotivo? (além do informativo)?*

Há duas coisas sobre isso. Primeiro, é claro que as emoções são cruciais para psicologia, para interação, para comunicação, em todos os níveis dos fenômenos psicológicos. As emoções são claramente importantes. Segundo, é verdade que o

desenvolvimento inicial das ciências cognitivas, com sua insistência no chamado “representacional-computacional”, foi uma abordagem para a cognição que deixou o campo das emoções em segundo plano a tal ponto que, por um tempo, havia a escolha: você estuda cognição ou emoção, porque não são a mesma coisa. Bem, não são a mesma coisa, mas acho que são um “*continuum*”. As emoções não são apenas humores abstratos, são teor cognitivo e a cognição ocorre em muitas variedades.

Acreditar que a raiz quadrada de nove é três não se dá com muita emoção, acreditar que vou conhecer o amor da minha vida hoje, isso se dá com muitas emoções. Portanto, uma visão abrangente, tanto da psicologia individual como da interação, na comunicação tem que abrir espaço para emoção, porque perfaz o que temos que descrever e explicar. E, novamente, minha esperança e palpite é que isso não seja uma alternativa para descrever uma condição: é parte da mesma história.

Mais e mais trabalhos sobre isso têm sido publicados agora, sobre emoção com abordagens cognitivas, e acho que realmente ajudam a melhor entendê-las, mas ainda há muito a se fazer. Então, eu não tenho certeza se gostaria de ter um “efeito emotivo” como um tipo de efeito distinto do “efeito informativo”. Usamos o informativo de uma maneira muito ampla e quando você pensa no que chamamos de implicaturas fracas, por exemplo, basicamente onde uma grande variedade de ideias obtêm algum grau de ativação, ele geralmente causa uma resposta emocional e isso é sua intenção, tornando algumas informações mais manifestas ou um conjunto de informações ligeiramente mais manifestas. Eu não acho que a emoção é um efeito de um tipo semelhante ao de conter informações, ela é efeito da relação entre levar atenção a algumas informações, ou apenas declarando-as, chamando a atenção para elas de várias maneiras. Causar emoção em sua audiência, ou expressar sua própria emoção, é uma questão complexa a ser estudada. Não acho que a solução seja um rótulo para efeito emocional em conjunto com o efeito informativo, porque, entre outras coisas, a intenção que você possa ter como um comunicador, de causar uma emoção em sua audiência, não funciona da mesma maneira como a intenção que você possa ter de transmitir algum tipo de informação, e que funciona.

Essa é a velha ideia causal de reconhecimento de intenção. Se eu quero causar uma certa emoção, na maioria dos casos, isso não acontece. O reconhecimento de minha intenção pode causar uma emoção, mas normalmente não é a que eu queria. Então é uma história diferente, uma história muito importante que tem sido negligenciada em grande parte da psicologia cognitiva, e também em grande parte da pragmática. Mas não é grave que tenhamos negligenciado, não acho que tenhamos feito isso apenas por ter esquecido de sua existência. Nós negligenciamos porque sentimos que éramos mais produtivos e mais eficientes trabalhando com fatos cognitivos padrão. Não apenas eu deveria incentivar as pessoas que têm boas ideias sobre isso a desenvolver essas ideias, mas precisamos que pessoas o façam. Precisamos de uma imagem integrada.

*Qual é a importância da Teoria da Mente para a Teoria da Relevância?*

A pergunta é curta, mas a questão é grande. Então... A visão que remonta ao Grice não se resolveu com a Teoria da Relevância, mas proveu uma perspectiva cognitiva. Grice foi um filósofo da mente, um filósofo da psicologia, enquanto pensava sobre coisas no nível pessoal. Mesmo assim, ele introduziu formulação moderna que, para comunicar, por exemplo, da maneira como humanos fazem, não significa usar um sinal para que o ouvinte simplesmente decodifique. Significa usar preferências linguísticas, ou o que quer que seja, sobre os meios de comunicação para fornecer evidências, indicar o que se pretende comunicar. Para compreender a comunicação desse tipo deve-se identificar uma intenção de um comunicador, normalmente como o significado do falante, para que seja uma análise do significado do falante.

Havia, nos anos 60 ou 70, o artigo de Premack e Woodruff “*Chimpanzés têm uma teoria da mente?*” Em 79, surgiu um novo tipo de campo de pesquisa chamado Teoria da Mente, sobre a capacidade de atribuir estados mentais a outros, sobre como isso funciona, e se existe em outros animais, e como é desenvolvida na infância humana. Não exatamente porque ocorre na abordagem da ciência cognitiva, nem para

todos os participantes dela, mas para muitos estamos falando sobre mecanismos que operam neste nível subpessoal, e essa é uma busca cognitiva.

Portanto, não procuramos um tipo de raciocínio explícito ou raciocínio que poderia ser explicitado, conforme Grice explica quando recuperamos implicaturas. Estamos procurando mecanismos que operem dentro do indivíduo e que proporcionam uma intuição sobre o quê o falante quis dizer, sem qualquer ciência da etapa inferencial para o qual se chega nessa intuição. Então você pode dizer “Ok, então entender o que um falante diz é, particularmente, uma forma de leitura da mente, de atribuição de estado mental, e isso cria a possibilidade de que entender que o mecanismo de compreensão é o mesmo mecanismo usado ao atribuir estados mentais em uma situação não comunicativa?”.

Sobre isso, há um exemplo clássico e chato: você vê alguém olhando pela janela pegando um guarda-chuva e saindo. Observando esse comportamento, você pensa que ela pensa que vai chover ou está chovendo, e ela quer se proteger da chuva, e é assim que você interpreta o olhar pela janela e ela pegando um guarda-chuva. Você atribui a ela um estado mental que faz sentido para seu comportamento, uma forma muito simples de leitura de mente. Então isso é o que acontece quando compreendemos a fala? Por exemplo, se ela dissesse “Oh, está chovendo!” ela está falando, demonstrando e declarando um comportamento de que acredita que pode estar chovendo. Portanto, entendemos a expressão “está chovendo” da mesma maneira como entendemos o comportamento? É o mesmo mecanismo?

Quando escrevemos o livro “Relevância”, em 1986, tendíamos a pensar “sim, é o mesmo mecanismo”. A simples capacidade geral de atribuir estados mentais a outros, que está em jogo tanto na atribuição da intenção de se proteger da chuva, ou intenção de transmitir que você pensa que está chovendo, é o que se entende a partir da frase “está chovendo”. Mas mudamos a nossa perspectiva sobre isso. Escrevemos um artigo chamado “*Compreensão, modularidade e leitura da mente*”, provavelmente em 2000 ou 2002, argumentando que não, não é. Talvez exista diferença entre o

primeiro tipo de leitura de mente, de apenas observar o que as pessoas estão fazendo ou olhando, e assim atribuir a elas estados mentais, percepções, crenças, desejos e assim por diante. O fato é que elas não estão te ajudando a ler a sua mente. Portanto, é uma atribuição não assistida de estados mentais e fazemos isso espontaneamente o tempo todo.

O que acontece na comunicação é que a pessoa a quem você atribui, ou tenta atribuir estados mentais ajuda você a fazer isso. Agora mesmo eu estou falando com vocês e estou fazendo o possível para ajudá-los a entender o que eu quero comunicar. Então, tento escolher as minhas palavras e me expressar de uma maneira que alcance esse resultado. Claro, não estou falando da minha mente, estou falando de tópicos mais gerais, mas faço isso dando-lhe uma indicação do que penso e do que eu quero que você pense também, e é isso que quero comunicar.

No caso de compreensão, também estamos lidando com atribuição de estados mentais em que o comunicador está ajudando o ouvinte a ler sua mente. Portanto, é leitura de mente assistida. O que significa essa diferença? Seria a leitura mental não assistida uma forma básica, ou é assistida, auxiliada pelo comunicador que deseja que sua mente seja lida pelo ouvinte? Argumentamos que isso permite um padrão de inferência bem diferente. O que explicamos é que devido esse auxílio por um comunicador em revelar o que ele pensa - não tudo o que ele pensa, mas o que ele quer que o público entenda -, há uma rotina inferencial que se aplica à comunicação e não à leitura de mente em geral. E essa rotina inferencial para a compreensão funciona assim: veja as possíveis interpretações na ordem de mínimo esforço, o que vem primeiro à mente e pare na primeira interpretação que você alcançar que satisfaz sua expectativa de relevância, e a expectativa de relevância que foi levantada pelo próprio enunciado do comunicador.

Não há tempo para discorrer por que isso é uma heurística eficaz para a compreensão, mas o que deve ficar claro é que essa heurística não é eficaz para entender estados mentais em geral quando as pessoas não estão auxiliando, porque o

que vem primeiro à sua mente não é particular e epistemicamente específico. Se estou tentando ajudá-lo a entender o que quero comunicar, vou tentar me expressar... Talvez mais, por pelo menos duas formas. Uma é desassistida, em que o mecanismo da Teoria da Mente é comum, muito discutido na literatura, e outra é a teoria da atribuição de estados mentais a alguém que está ajudando você a descobrir seus estados mentais através da comunicação; esse é um mecanismo diferente, seguindo uma heurística diferente. Claro, os dois estão relacionados, e então a pergunta se torna: como se relacionam no desenvolvimento? Isso levanta muitas questões interessantes, mas nós dizemos que os dois mecanismos inferenciais são diferentes.

## REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noan. **Languages and problems of knowledge**: Managua Lectures. Massachusetts: MIT PRESS, 1994.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Pragmatics, Modularity and Mind-reading. In: **Mind and Language**, v. 17 (1-2), p. 3-23, 2002.

## Algumas obras do autor

SPERBER, Dan. **Estruturalismo e Antropologia**. Tradução de Amélia e Gabriel Cohn. São Paulo: Cultrix, 1974.

\_\_\_\_\_. **Rethinking Symbolism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

\_\_\_\_\_. **On Anthropological Knowledge: Three Essays**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Pragmatics. In: **Cognition**, v. X (1-3), 1981.

\_\_\_\_\_. **Relevância: Comunicação e Cognição**. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2001.

\_\_\_\_\_. Teoria da Relevância. In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, nº especial, 2004.

**Dados editoriais da entrevista**

Organização geral: Elena Godoy.

Tradução para a legendagem da entrevista e conferência no Canal Linguagem, comunicação e cognição no Youtube: Marco Aurélio Bittencourt.

Revisão da tradução para a legendagem: Aristeu Mazuroski Jr.

Adaptação da tradução para o texto de publicação: Crisbelli Domingos.